

Biblioteca - Ministério da Justiça



MJU00054539D11



Centro Nacional de Cidadania Negra

PROGRAMA DO:
Ministério da Justiça



PARCERIA:



REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

CENEG

QUALIFICAÇÃO DE INSTRUTORES "EDUCAÇÃO"

305.896
C397Q
DEP. LEGAL

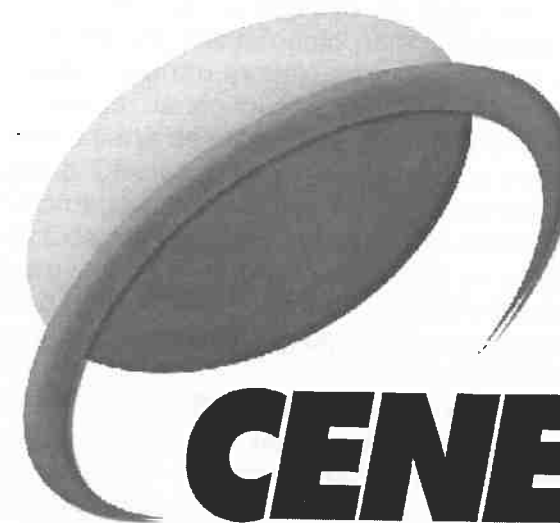




Qualificação de Instrutores
"Educação"

Ø

886659



CENEG

Centro Nacional de Cidadania Negra

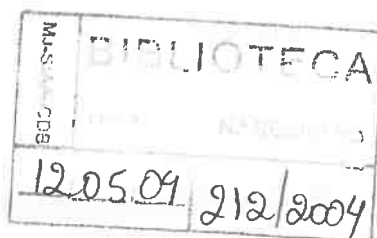
Qualificação de Instrutores

305.896

C397Q

Dep. Legal

"EDUCAÇÃO"



NO RUMO DA NACIONALIZAÇÃO

O **CENEG** – *Centro Nacional de Cidadania Negra* – nasceu em Uberaba, em 1999, com a objetivo de fazer da capacitação profissional, esportiva, cultural um instrumento para o resgate da Cidadania Negra. O êxito do projeto criou um modelo, que agora está sendo estendido a onze Estados brasileiros, dando início à nacionalização de uma causa.

Criado a partir de uma iniciativa parlamentar que empreendemos em parceria com o Conselho Afro de Uberaba, o vereador Gilberto Caixeta – hoje seu Coordenador Executivo em nível nacional – e o vice-prefeito de Uberaba, dr. Odo Adão – seu presidente - , o **CENEG** conseguiu, em Brasília, superar divergências de natureza ideológica ou partidária, para juntar forças do Congresso Nacional e do Governo Federal num programa que certamente vai resultar numa contribuição decisiva para estabelecer ações de Igualdade Racial no Brasil.

Executado pela Fundação Palmares, numa parceria que une o Congresso Nacional, os Ministérios da Cultura e da Justiça (através de Secretaria de Estado de Direitos Humanos), o programa está conseguindo a adesão nacional.

Esta publicação faz parte do conjunto de Cartilhas editadas com o objetivo de dar suporte à implantação do Núcleos Estaduais e à consolidação de um modelo pedagógico pautado na elevação da auto-estima do Negro (*e dos excluídos por ele atendidos*) e pela preocupação em fazer do resgate da Cidadania Negra um projeto consistente na área de Direitos Humanos. Para a próxima etapa, certamente muitos pontos poderão ser melhorados ou corrigidos, através dos ensinamentos da experiência adquirida e também a partir das diferenças regionais identificadas.

Uma coisa é certa: poderemos melhorar a proposta e até aprimorar o rumo – mas não há dúvidas de que, através do **CENEG**, encontramos um novo caminho para a Cidadania Negra, estabelecendo, a partir dele, um esboço mais claro da Nação que queremos construir.

DEPUTADO NARCIO RODRIGUES
*Idealizador e Articulador do Centro
Nacional de Cidadania Negra*

**IDENTIDADE DO NEGRO BRASILEIRO E AS
RELAÇÕES COMAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NUMA
ABORDAGEM ÉTNICA, DE GÊNERO E CLASSE**

Rachel de Oliveira

Este tema relacionado com a identidade do negro brasileiro, implicações para a educação de crianças, jovens e adultos; mulheres e homens, brancos e negros – que tem sido objeto de reflexão e análise do segmento negro, provocou-me uma profunda introspecção sobre algumas questões que foram decisivas para a formação da minha identidade, ou seja, como fui re-elaborando esta identidade em um país de valores etnocêntricos e eurocêntricos, a partir de três referências: raça/etnia, classe e gênero.

A maioria das mulheres negras têm uma história de vida muito semelhante, sobretudo as que ousaram permanecer na escola, chegando à universidade, oriundas de famílias pobres, filhas de pais semi analfabetos, a exemplo do meu caso, e muitos outros de que tenho conhecimento através da convivência e relatos orais. Estas mulheres encontram e têm que vencer obstáculos econômicos, mas, também, pesadas barreiras afetivo-



emocionais, impostas pelo preconceito racial que sofrem fora e dentro da escola.

A trajetória de vida das mulheres negras, e a luta pela construção de sua identidade social, é bastante complexa. Nossos conflitos étnicos não se diluem na carência econômica, eles não são encobertos pela pobreza, muito pelo contrário, antes mesmo da consciência da pobreza, percebemos que somos crianças excluídas. Nosso mundo infantil é diferenciado e percebemos com nitidez que enquanto meninas não somos crianças admiradas e cortejadas, que não fazemos parte do padrão de beleza aceitável; dentro de qualquer grupo social, composto por crianças ou jovens preteridas em função do pertencimento étnico-racial, **Somos mulheres e negras.**

Dentro do cotidiano, os referenciais relativos à etnia, classe e gênero intrinsecamente ligados, adquirem peso diferenciado na formação de nossa identidade. Cada grupo ocupa seu espaço social e vai se auto-definindo como pessoa, profissional e cidadão a partir destas categorias. É sem dúvida, a educação, notadamente a escolar, que contribui para a legitimação dos papéis que estes segmentos sociais devem desempenhar. Mas os critérios de seleção que são pré-estabelecidos pela sociedade, atingem a criança negra, sobretudo a menina de modo diferenciado. Logo nos primeiros passos de sua socialização; surgem na intimidade familiar, na vizinhança, nos jogos e nas brincadeiras consideradas tradicionais e



corriqueiras, como por exemplo, brincar de casinha. Nesta brincadeira como a criança negra vai interpretar o papel de mamãe se ela não tem chance de ter uma boneca com suas características? E se no grupo tiver meninos e meninas, quem será o papai?

Só quando me tornei adulta descobri porque não gostava de bonecas. As que tive, doação das patroas da mamãe, não se pareciam nada comigo, eram loiras de olhos azuis. Quando brincava, ficava embalando-as, mas não as exibia, sempre as cobria com um paninho. Também, vez por outra, vinha um adulto, não sei se querendo agradecer, mas me parecia ter um olhar matreiro e dizia: - "é sua filha? que linda! Parece com você." Eu ficava encabulada, pois sabia que não era verdade. Mais tarde percebi que a maioria das meninas negras não saem para a rua carregando bonecas e, como educadora, observei que a boneca não é o brinquedo que as alunas negras mais preferem.

Mas, se ao brincar de casinha, a menina negra escolher ser a mamãe, aceitar a boneca e outras crianças brancas e negras como filhos, ainda terá outro problema, quem aceitará ser seu marido? Aí está o segundo embaraço, que a criança negra aprende a resolver muito cedo porque tem a percepção aguçada para detectar a rejeição e a ela se antecipa, quando possível. Brincar é uma espécie de jogo que tem suas regras explícitas e implícitas. Quando brincam de casinha, as crianças montam uma família fictícia, conforme o seu imaginário que reflete o pensamento da sociedade,



que coloca a família branca como a ideal. Por outro lado as meninas negras sabem que tanto os meninos brancos como os negros têm dificuldades para escolhê-las como parceiras, e então sem dizer nada, estrategicamente elas saem do jogo, tornam-se vizinhas, comadres ou amiga da família. Dentro deste jogo, o laço afetivo parece continuar, mas a criança negra muda de lugar para permanecer na intimidade do grupo.

A "intimidade"¹ existente na convivência cotidiana, interpõe um laço afetivo que dissimula a consciência crítica para o jeito de tratar o "outro". Neste contexto, as palavras do adulto ou criança, dirigidos à criança negra, até as brincadeiras maldosas, de conotação perversamente pejorativas, são consideradas ingênuas e sem pretensões. O outro, o diferente, deve fingir recebê-las bem; aceitar, fazer o jogo e aparentar indiferença, sabendo tolerar socialmente, o que de si é rejeitado pelo outro. Esta intimidade confunde o respeito às diferenças individuais e, com sutilezas de cunho ideológico, vão fortalecendo a dicotomia superioridade/inferioridade racial, tanto na criança branca quanto na criança negra, porém de forma simbolicamente inversa.

Para as crianças negras, parece fazer parte do jogo, aceitar

¹. A "intimidade" existente entre povos de origem sócio-raciais diferentes, é fruto da aprendizagem social de solidariedade e da necessidade da convivência pacífica entre os povos. Mas esta intimidade nem sempre corresponde à verdadeira aceitação do outro, do diferente. As vezes esta convivência é aparente e enconde graves problemas de rejeição com implicações sócio-políticas graves.



brincadeiras pejorativas, desde as canções de ninar, a exemplo da música boi da cara preta, na qual a sua cor aparece ligada ao medo, até outras mais preconceituosas que ainda são cantadas nas escolas, sem o menor pudor, deixando as crianças negras muito envergonhadas. Como é o caso da música que aqui cito. "Plantei uma cenoura no meu quintal, nasceu uma negrinha de avental, dança negrinha não sei dançar, pega no chicote que ela dança já".

Os educadores e adultos em geral parecem não observarem o constrangimento que estas brincadeiras causam às crianças negras, sobretudo às meninas. Não percebem ainda que muitas vão saindo da brincadeira, ficando de lado, enfraquecidas, enquanto as crianças brancas vão se desenvolvendo, tornando-se mais ativas porque podem sentir prazer em brincar e não se sentem agredidas.

Para ser respeitada a criança negra entra em constante embate com o seu grupo, entretanto, a necessidade de ser reconhecida como um deles se torna imprescindível, e então por vezes vencida esta criança constantemente rejeitada, para ser aceita passa a admirar e se sujeitar à imposição dos egos brancos considerados superiores, principalmente dentro da escola onde deve seguir certas normas se quiser nela permanecer.

As brincadeiras que são realizadas dentro da escola e não recebem intervenção por parte dos educadores passam a ser oficialmente



permitidas, e quando possuem conteúdo sexista e racista, fortalecem as relações de dominação entre meninos e meninas, negros e brancos. Desta forma as brincadeiras ajudam a sedimentar o preconceito e desrespeito pelo outro.

Para se contrapor a estas armadilhas, para avançar além da análise dos objetivos dos currículos e livros didáticos, como afirma Silveira. "Surge a necessidade de ressaltar exemplos positivos em oposição ao que se conta de ruim sobre os negros, aproveitar as atividades lúdicas para trabalhar a igualdade, o respeito às regras, os cantos que não firam os brios das etnias" (Silveira, 1995, p.130). Esta é uma das formas de se ajudar as crianças negras a superarem obstáculos, além daqueles que por si já superaram.

Entretanto, a escola que nega apoio à criança negra, não observa como ela é tratada pelos colegas, não ouve suas queixas e faz de conta que não percebe quando estas são discriminadas, pois está estruturada em função de uma concepção elitista da educação, mas exige delas a maturidade e grau de desempenho incompatível com o tratamento que lhe é oferecido e que causa fragilidade emocional.

Dentro da escola, os alunos emocionalmente mais equilibrados são privilegiados, porque respondem melhor às solicitações do processo ensino - aprendizagem. Os outros alunos desnutridos, com carências de várias origens, tornam-se casos especiais. É o que ocorre com grande parte das



crianças negras que chegam ao Ensino Fundamental já desgastadas pelo drama emocional gerado pela rejeição que as atinge, ainda na primeira infância, quando são deixadas em creches e em outras instituições que não lhes dão orientação e afetos necessários para que se tornem capazes de desenvolverem plenamente suas potencialidades.

Desta forma, grande parte das crianças negras ao iniciar o processo de alfabetização não consegue responder satisfatoriamente ao estímulo escolar, sendo cada vez mais discriminada pela sua "incapacidade" de adaptação à instituição. Estes alunos ainda mais rejeitados pelo grupo da classe, começam a se sentir diferentes e vão limitando suas perspectivas, principalmente as relativas ao nível intelectual. Conseqüentemente são transferidos para as classes especiais indicadas para os alunos com dificuldades de aprendizagem.

Mas o que se percebe é que quando são respeitados, e conseguem vencer as séries iniciais, estes alunos começam a elaborar internamente através da experiência de socialização/alfabetização, estratégias que lhe instrumentalizam enfrentar o racismo presente no espaço institucional. Esta visão de socialização da criança negra, tem muito de minha vivência, como aluna, e depois se confirmou quando, como educadora, trabalhando com crianças negras e brancas, percebi que o tratamento igualitário, a chamada à participação, e a expressão do professor de credibilidade no desempenho desta criança, é o melhor estímulo pedagógico.



"A escola precisa confiar nas crianças negras, sem colocar em dúvida as suas capacidades"... (Silveira, 1995, p.121) Nesta mesma direção, Paulo Freire afirma "É preciso que creiamos nos homens oprimidos, que os vejamos como capazes de pensar certo também". (Freire, 1988 ,p.53).

A postura de não se permitir brincadeiras pejorativas com relação a origem racial dos alunos, a desmistificação da história da África, um olhar de aprovação, um elogio à beleza negra, uma observação positiva em relação ao desempenho ou o fato de dar ao aluno negro, pequenas tarefas, que são destinadas normalmente aos melhores da classe, como: "por favor apague a lousa, leve este documento à secretaria, parabéns pelo seu trabalho, ou hoje é você que me ajuda a organizar o material". Sem dúvida, muda todo contexto da sala de aula. **O aluno negro passa a ser respeitado, já que a professora lhe respeita.** Envolvido nas atividades da escola, é então que ele percebe que é capaz, que não precisa se apagar no fundo da classe ou ter comportamentos considerados abusivos, para conquistar seu espaço na sala de aula.

Neste sentido os professores podem ajudar a acender o farol vermelho contra a discriminação quando procuram respeitar o aluno negro e a sua história cultural, e ao mesmo tempo acender o sinal verde a favor da democracia e dos direitos humanos quando não permitem que o aluno branco se sinta superior ao negro.

A luta pelo engajamento escolar exige esforços do aluno negro, os



quais vão além de seu compromisso com a aprendizagem, pois esta criança vivencia uma realidade social, para além da escola: os meios de comunicação que veiculam somente valores, crenças e ideais da minoria privilegiada; **padrões inatingíveis ao negro, independente de sua classe social, pela exclusão de todos os referenciais ligados a sua origem étnico-racial.** E o que se pode esperar do equilíbrio psicossocial, destas crianças ou de homens e mulheres negros que perfazem 46% da população brasileira? Que eles se identifiquem com o símbolos da camada branca, procurando descaracterizar seus traços físicos, escondendo de todas as formas sua origem étnica? Que sejam reconhecidos como um igual ao desvincular-se de sua etnia, esforçando-se para aproximar-se do modelo desejado?

Não frequentar lugares "destinados" a negros, como roda de samba ou candomblé, ou até mesmo casar-se com brancos, não dá direito de ultrapassar os limites impostos pela suposta inferioridade racial. A sociedade branca brasileira não permite ao negro, que se ultrapasse os limites étnicos. Não existem condições ideológicas e objetivas para o negro se integrar a classe dominante. O negro, mesmo se violentando, será cobrado por sua cor, e será visto como um negro vencedor, bem sucedido, "um negro de alma branca", mas nunca como um igual.

Cada vez, fica mais evidente que o negro não é só discriminado pela pobreza. O negro, por falta de um projeto político que pudesse inseri-



lo na sociedade de classe, pós abolição permaneceu imerso na miséria. Mas, aos negros que venceram as dificuldades da miséria, não lhes foram concedidos o título de cidadãos; são discriminados por sua cor e considerados cidadãos de segunda categoria, que deverão em qualquer situação, estar preparados emocionalmente para desempenharem papéis secundários, "apropriados" a sua origem étnico-racial. O que ocorre freqüentemente com os negros que venceram todas as barreiras e jogos do preconceito e chegaram à universidade, notadamente as mulheres negras, que estão coladas por último na escala de valores, depois dos homens brancos e negros e das mulheres brancas.

As brincadeiras de infância, a exemplo das aqui citadas parecem simbolicamente anteciparem a exclusão deste grupo do cenário sócio-econômico, mas também afetivo. Preteridas como parceiras conjugais, grande parte das mulheres negras torna-se chefe e arrimo de família.

Dentro de um cotidiano, permeado pela ideologia do branqueamento, torna-se desejável embora contraditório, ao negro, sobretudo às crianças, querer ser branco, e tentar dissimular sua constituição física e origem cultural. Para os negros e seus descendentes, parecer-se com o branco é ser valorizado enquanto pessoa, já que o ideal é ser branco. Pois é o branco que tem o status de cidadão.

No entanto, a ideologia do branqueamento foi elaborada para que os não brancos sintam-se inferiores e subalternos, permanecendo nos



lugares inferiores, mas aos negros que aceitam assumir o branqueamento, percebem que esta ideologia, continua a rejeitá-los enquanto pessoas e nada lhes oferece. Esta ideologia ambígua cria comportamentos contraditórios em brancos e negros. Alguns negros, para serem aceitos como pessoa, afastam-se concretamente de sua etnia, tendo-os como inimigos, na medida em que dentro do seu raciocínio doentio, o outro negro reflete e confirma seu estado de inferioridade. Neste caso, permanecer entre os brancos é ser considerado, no mínimo, diferente dos outros negros, é conquistar um bom espaço entre os considerados superiores.

Entretanto, como se refere o educador Paulo Freire em relação aos oprimidos " a sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida". (Freire, 1988, p.33).

Comportamento contraditório encontra-se também em alguns brancos que querem justificar a inexistência do preconceito pelo seu posicionamento individual e sua convivência com alguns negros, lembrando que foram amamentados por uma mulher negra, jogam futebol com negros, freqüentam a mesma religião . São maneiras de brancos e negros justificarem o lado amistoso das aproximações étnicas, tirando vantagens destas relações "íntimas" sem discutir as ambigüidades e contradições sócio -políticas e ideológicas existentes dentro dos



relacionamentos inter-étnicos.

Enquanto grupos étnicos, estão em posição antagônicas, pois o que favorece a um, ainda, desfavorece a outro. Mas os grupos favorecidos, para manter o "status quo", e alimentar a pseudo harmonia racial, procuram manter um clima amistoso que acaba por promover divisão e enfraquecimento dos dominados.

Abrindo concessões íntimas e privando as políticas e intelectuais, reprovando a maioria, e premiando alguns que assimilam a cultura dominante, mas acabam "evadindo-se do seu meio, perdendo a sua identidade (primeira) tornando-se gente de outro mundo" e muitas vezes voltando-se contra os integrantes de sua classe de origem, ao invés de tornar-se seu porta-voz". (Pato, 1984, p.139)

O opressor mantém a divisão inter-grupal, assim o grupo superior mantém-se hegemônico. Fazer brancos e negros acreditarem que o negro é o inimigo do negro, como habitualmente ouvimos alguns falar, é querer acreditar na falácia de que o branco é amigo de ambos, e que os negros se auto destroem. É acreditar no opressor como salvador, fortalecendo o ideal do ego branco, tornando-se presa fácil dos poucos "benefícios" das relações íntimas, sem analisar como a sociedade construiu os pilares da quebra de identidade do negro sem respeitar a sua luta pela libertação.



A história oficial é contada e analisada sob o ponto de vista do vencedor que faz do oprimido objeto de sua história. Nesta ótica, tanto o comportamento subserviente de alguns negros, como a sua resistência são registradas como debilidade moral. As nossas divergências internas, comuns a qualquer grupo humano são vistas como brigas e inimizade histórica e as nossas discordâncias ao sistema, como tribalismo.

Na realidade, o negro vem sendo preparado sistematicamente para rejeitar sua identidade cultural, esta estratégia iniciou-se na África, onde se dividiam famílias, incentivavam brigas entre as tribos inimigas, batizavam os negros na fé católica, e aqui trocavam seus nomes, não lhes dando liberdade de culto e proibindo que falasse sua língua.

Assim, expropriando os negros de seu saber -fazer, para que dentro de um modelo econômico, ele pudesse sem nenhum questionamento produzir riqueza para o seu senhor, o negro considerado inferior, sem alma, incapaz intelectualmente, foi transformado em escravo. Mas, a relação do senhor com o escravo, embora fosse uma relação desigual, de superioridade por parte do senhor, era uma relação social "íntima" e "ambígua", uma relação entre pessoas com interesses antagônicos.

Conforme Gorender, 1984, num limite o oprimido, o escravo pode assumir-se como um animal possuído, mas enquanto indivíduo concreto, a escravidão nunca pode suprimir dele o resíduo último de pessoa humana.

Vivenciando um estado emocional de constante violências, os



escravos construíram as mais diferentes formas para assegurar a sua sobrevivência e sua identidade como ser humano. Para o escravo, manter-se vivo foi a necessidade primeira, e esta necessidade superou por vezes o limite ideológico de se manter uma postura favorável a preservação de sua identidade cultural de origem. Mas, esta não foi a característica geral do comportamento escravo. Ao ser violentado e tratado como coisa, alguns escravos, morreram de banzo, escolheram o suicídio, fugiam, matavam seu senhor, ou faziam parte de revoltas organizadas e formavam quilombos. O quilombo de Palmares foi apenas um deles, que resistiu cerca de 100 anos. A consciência do escravo, transcendia, seu estado de coisa possuída. E ao transcender este estado, o senhor era obrigado a reconhecê-lo como sujeito.

Mas a história de resistência à escravidão, a exploração sobre o sistema de organização africano da época, as contradições da escravidão, não são consideradas, e são omitidas pela história oficial. que conta que os negros vieram para o Brasil, contribuíram para sua construção e num ato sublime da Princesa Isabel, foram libertos. Embora libertos, os negros continuaram relegados em todos os setores da sociedade à posição inferior. E hoje, a falta de informação histórica sobre os descendentes africanos, a falácia da ascensão social por meio do capitalismo, aliada ao mito da democracia racial, acentua a crença de oportunidades iguais para mulheres, homens, negros e brancos e inversamente acentua a crença da



"incapacidade" do negro que encontra dificuldades para se integrar na escola e fazer parte da sociedade tecnológica e globalizada.

A deterioração da imagem do negro, produz nas crianças, jovens e adultos negros um sentimento de frustração e angústia que não se apaga apenas com a superação da pobreza, embora vencer a pobreza seja imprescindível.

A necessidade de querer ser aceita, pertencer a um grupo e ser respeitada por ele, acabam por influenciar o desempenho escolar, provocando seqüelas, que muito dificultam a construção de uma identidade cultural sólida. Estas seqüelas nos acompanham até o final da vida, gerando muitas contradições difíceis de se superar.

"Na vida, a contradição desempenha um papel muito diferente do que na lógica formal, na vida a contradição não é mera manifestação de defeito, é uma realidade que não se pode reprimir. Determinadas contradições surgem, outras desaparecem (são superadas) mas há sempre algumas contradições pendentes de solução" (Konder, 1981, p.56)

A contradição da ideologia do embranquecimento enfraquece, na medida em que os negros conhecendo sua história, se reconhecem como participante dela e, juntamente com os brancos, reconhecem que estão inseridos em uma sociedade multicultural na qual a base das relações deve ser o respeito às diferenças.

O discurso da escola democrática e para todos só será consistente



quando alunos brancos e negros com a mesma condição social obtiverem as mesmas oportunidades. Enquanto as mudanças ocorrem lentamente, observamos que a escola foge a responsabilidade da educação dos negros porque, como vimos afirmando, mantém expectativa de fracasso em relação a este segmento.

Observando os relatórios referentes ao projeto "Salve 13 de Maio"?, observamos que apesar de apresentar propostas para a melhoria do desempenho e da imagem das crianças negras, a escola desvelou abertamente diferentes mecanismos de preconceito. Observe como algumas delas se posicionaram.

Preconceitos:

"Assim, podemos dizer que o preconceito existe, mas é do negro para consigo mesmo. Ele é o elemento principal e gerador do preconceito racial, ao se retrair, e não se aceitar. Ele tem que se conscientizar de que é gente como todas as outras pessoas." E.E.E.F. Orlandia-SP.

"Se não houver preconceito, não haverá necessidade de os negros se organizarem em várias regiões do país onde são bastante numerosos, constituindo um perigo para todos." E.E.E.F. Ourinhos-SP

"Em nossa escola foram desenvolvidas os mais variados trabalhos



com a participação de todos os alunos, onde pode ser observado, exposições de cartazes, desenhos, colagens, montagens, estórias em quadrinhos, em que o aluno sempre procurou elevar o negro, principalmente nos trabalhos braçais, onde exige bastante força física". E.E.P.G. Votuporanga-SP.

Propostas:

"Os textos escolares devem mostrar a verdadeira história do negro, devem revisar o enfoque dado à escravidão e o papel do negro no Brasil, numa reparação da identidade da cultura negra e salientar sua contribuição na formação da sociedade brasileira". E.E.E.F Itapira-SP

"Que se insira nos currículos escolares, principalmente de 1ª e 2ª graus, matérias com relação à cultura afro-brasileira, história da África". Te A visão do mundo, o comportamento, a cultura, a religiosidade africana, têm uma influência muito grande na vida dos brasileiros". E.E.E.F. Diadema-SP

Não é preciso fazer uma análise muito profunda para perceber que a escola, embora apresente algumas propostas de mudanças, é racista e enquanto poder branco, assimila e repassa aos seus educandos, estereótipos do negro como inferior, tanto que uma delas em seu relatório sugeriu ao



negro ser branco e altivo.

Denunciar ou definir o racismo brasileiro é uma tarefa complexa, pois o racismo pressupõe privilégios de grupo étnico enquanto impede a participação política de outro. No entanto, este pressuposto é incompatível com o mito da democracia racial, que ainda permeia o imaginário dos brasileiros. O racismo, como o sexismo, não favorece a sociedade brasileira que é composta de brancos e negros, por homens e mulheres, mas favorece especificamente os homens brancos, desfavorecendo as mulheres em geral, e todos os negros de qualquer classe, que sofrem duramente o reflexo deste racismo.

O preconceito de raça não tem fragilizado apenas o grupo dominado, mas tem impedido todos os brasileiros de assumirem sua identidade, sua ancestralidade. Impulsionando toda a população a procurar modelos exteriores. De outra parte, o modelo educacional vigente, ainda colabora para que os desfavorecidos socialmente, procurem se identificar sempre com os modelos privilegiados, caminhando todos para uma identidade exterior, incoerente com realidade particular da maioria dos cidadãos e com a realidade sócio-econômica e cultural do país.

A construção de uma identidade favorável às transformações, individual e social, exigirá de cada brasileiro, seja criança, jovem, adulto



mulher, homem, negro ou branco uma profunda introspecção sobre sua história, sua ancestralidade e uma nova retomada de seu papel social.

Antes de finalizar este texto, cabe explicitar a minha posição em relação à responsabilidade dos professores, sobre a discriminação e a situação da criança negra, não estamos diretamente culpabilizando-os, como também quando estamos utilizando o termo branco, não estamos situando a questão no nível pessoal, evidentemente não identificamos todas as pessoas brancas como racistas. Neste momento a intenção é a de apenas situar os problemas que os alunos negros enfrentam em uma escola que esta ancorada por uma ideologia calcada nos valores da sociedade branca, na qual, conseqüentemente, professores e alunos brancos são privilegiados.

Os professores, sobretudo os que trabalham em escola públicas, atuam em situação limite e o corpo docente é composto quase que exclusivamente por mulheres, oriundas das classes populares, que sofrem também pesadas discriminações. Entretanto, esta semelhança sutil entre a discriminação de gênero e de raça pode ser uma força, o ponto que mobilize as professoras que se sentem desacreditadas pessoal e profissionalmente a procurar caminhos para elaborar subsídios para superação de todos os preconceitos vigentes na escola.



BIBLIOGRAFIA:

Freire, Paulo- **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988.

Gorender, Jacob. - **O escravismo colonial**, São Paulo, Ensaio - Editora Ática, 4ª edição, 1984.

Konder, Leandro. **Marx-Vida e Obra**, 4ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

Pato, Maria Helena Souza, **Psicologia e Ideologia**, São Paulo, T. Queiroz, 1984.

Relatório GTAAB sobre as mentiras e verdades do racismo na escola paulista - **Projeto "Salve 13 de maio?"**. 1987 - (mimeo)

Silveira, Maria Helena Vargas da – **Negrada**, Rio Grande do Sul, Editora Grupo Cultural Rainha Ginga, 1995.

MÍDIA E REPRESENTAÇÃO
AFRODESCENDENTE

**Nelson Odé Inocencio*

O conceito de alfabetização, não é de hoje, vem sendo acrescido de significações que outrora eram impensáveis. Assim, quando aludimos a este conceito específico podemos nos referir aos processos que resultem na apreensão e domínio de linguagens que não são necessariamente constituídas de palavras. A pertinência dessa afirmação é reforçada pelo discernimento acerca das múltiplas linguagens elaboradas a partir dos desafios a que cada cultura, em um dado contexto, é submetida.

Para alcançarmos a dimensão contemporânea do conceito em questão faz-se necessário não apenas atribuir-lhe outras conotações, mas, também explicar como os diferentes processos de alfabetização constituem formas de pensamento. Isto é fundamental no sentido de detectarmos problemas pertinentes a linguagens específicas e sugerirmos procedimentos no sentido de formar público com potencial crítico que, na condição de receptor, seja capaz de estabelecer uma relação verdadeiramente democrática no contato com emissores de mensagens, independente dos conteúdos das mesmas.

É a partir desta percepção que buscamos fortalecer um olhar atento



do segmento negro com relação ao imaginário racial brasileiro, fonte de uma infinidade de estereótipos que alimentam a exclusão.

Além de constatar o que ocorre, é preciso entender o porque da permanência, do trânsito e do constante diálogo que mantemos com elas. Por que será que seus apelos nos parecem tão sedutores, ainda que se estruturam com base na desqualificação da diferença?

A construção do outro como ridículo ameaça sua condição humana. Se a visão mais crítica acerca da questão da alteridade não deixa passar este dado, nossos olhos nem sempre se dão conta das armadilhas que certas imagens constituem.

Posto isto, façamos uma reflexão sobre a linguagem visual e o nosso nível de analfabetismo existente em torno dela. Talvez, esta seja uma forma viável de abordarmos a permanência de determinados juízos pautados nos modos de ver.

A fim de tratarmos da produção de imagens na mídia e da nossa alfabetização acerca delas, tentemos, ainda que de forma precária, recorrer a um conceito básico que norteia uma introdução do estudo do signo



Este conhecido e singelo modelo sugere que, uma vez tenhamos apreendido a imagem (signo) a ela atribuímos uma palavra (significante) que serve não apenas para evocar a imagem mas também para nos remeter ao seu sentido (significado). É óbvio que tais relações são mais complexas porque nem o signo, nem o significante ou o significado apresentam-se de forma singular, podendo haver variações em cada um.. Não existe, por exemplo, uma maneira única de se representar graficamente um objeto, o seu significante tem condições de ser composto por um conjunto de palavras que são sinônimas. Tanto a imagem quanto a palavra podem ser polissêmicas, ou seja, possuem uma série de significados.

Também existem formas menos e mais complexas de lidar com os processos de significação, que vão desde o esforço absolutamente necessário que as coletividades têm de classificar os elementos constituintes de seus contextos específicos até as situações nas quais a compreensão dos signos encontra-se circunstanciada pelo cruzamento de culturas distintas. A este segundo caso acrescentemos outro ingrediente contendo dificuldades e limites de interpretação impostos por relações assimétricas de poder. Tais ilustrações servem para afirmar que o ato de dar sentido ao mundo e as coisas está condicionado pelas contingências históricas e pela cultura delas advinda. Aliás, estas componentes são imprescindíveis para se perceber a forma e o conteúdo do processo que resulta na consciência de grupo. Notem que, diante de um quadro



problemático, como o que começamos a esboçar, um mesmo signo pode receber conotações contraditórias de olhares oponentes. Assim acontece quando aludimos a África, senão vejamos:

África	exótica	África	matriz
	primitiva		berço

Falemos mais detalhadamente sobre o tema observando certos meios de comunicação e as mensagens que veiculam. Embora haja a tendência de tratarmos a mídia como um bloco coeso é preciso fazer um detalhamento dos meios específicos e os públicos diferenciados que eles alcançam. Uma leitura comprometida com a superação do racismo anti-negro na mídia, pressupõe um esforço nessas bases a fim de subsidiar argumentos que validem o discurso em prol de uma comunicação plural, diversa e refratária aos limites estabelecidos pela idéia de padrão, que restringe e trai a própria essência formadora dos alicerces da nação brasileira. Vale dizer que, longe de fazermos apologia ao dissimulado canto das três raças, acreditamos que a representação dos segmentos que constituem o Brasil contemporâneo situa-se muito além de uma suposta miscigenação pacífica entre brancos, índios e negros. Hoje, mais do que nunca, o que importa é a visibilidade democrática e com qualidade que abarque os vários grupos categorizados socialmente enquanto raças, bem como as tensões que delineiam as relações entre estes grupos.



1. TV em branco & branco

Tento em vão sintonizar

A velha tv

Preto & branco

Inútil

Só pega no tranco

Logo a trêmula imagem

Revela

A tv é branco & branco

A televisão brasileira representou desde o começo, apesar do alto custo inicial para aquisição do aparelho, uma significativa forma de entretenimento da sociedade e de sustentação de nossa cultura visual, historicamente conservadora. Ao tomar como referência a produção televisiva aqui realizada, poderíamos dizer que jamais conseguimos superar o modelo colonial que estipula a relação antagônica entre a senzala e a casa grande. Talvez os registros mais incontestáveis e que corroboram este argumento na atualidade sejam um filme documentário e um livro, ambos intitulados *A Negação do Brasil*, respectivamente dirigido e escrito por Joelzito Araújo. No filme, por exemplo, é patética a constatação de



que a representação visual marcada pela diferença, merecia, segundo a administração das emissoras de tv, um tratamento calcado no evolucionismo linear, ou seja, na teoria de Charles Darwin, que se sustentava no argumento de que os seres humanos constituem a mesma espécie, sendo que dentro da escala evolutiva o que os diferencia são suas heranças culturais. Na base dessa escala estavam as culturas tradicionais ameríndias, africanas e asiáticas, e, no topo as culturas ocidentais.

Isso implica dizer que, os dirigentes dessas empresas de comunicação sempre acreditaram na viabilidade de uma escala de desenvolvimento cultural para justificar a escolha de papéis subalternos para pessoas negras e papéis de prestígio para pessoas brancas.

Os indivíduos das primeiras gerações pós-guerras, foram formados e passaram a maior parte de suas vidas condicionados as imagens supracitadas. Mesmo admitindo a hipótese de atitudes pontuais que significassem uma ruptura com o esquema, o que pesou de fato foi a hegemonia de um comportamento amplamente socializado que, ao invés de superar o racismo, preferiu naturalizá-lo.

Nossos olhos se acostumaram a ver imagens televisivas que valorizavam a subserviência negra, pretensamente apoiadas na argumentação de que a tv procurava retratar a realidade independente de sua acidez. Todavia, o cinismo do argumento foi capaz de omitir um dado fundamental - o de que toda representação da realidade está



irremediavelmente ligada a pontos de vista e que, isto posto, a representação da realidade como algo absoluto e provido de total imparcialidade representa um engodo.

A Negação do Brasil, apresenta o retrato cruel das telenovelas brasileiras, esses folhetins que parecem retratar de modo fidedigno o nosso cotidiano. Assim o imaginário da sociedade vem se mantendo inabalável, sustentado na retórica de uma cultura integrada, sincrética e sem conflitos. Felizmente não somos uma unanimidade. Há desconstruções em curso proporcionadas pelo movimento negro organizado, que começa a ameaçar os limites e a estabelecer pressões importantes buscando a superação do paradigma racista.

1.1 Telejornais - as manchetes de hoje, em primeira mão

Os telejornais não são menos melancólicos, o que deixa nítido que tanto quando falamos da ficção(telenovelas) ou da realidade(noticiário), nos tornamos reféns das idéias oníricas acerca do contexto racial em que vivemos e das relações raciais cá produzidas.

Se a telenovela peca por uma aparente ingenuidade, que tem como fim último de conservar em formol os arcaicos valores excludentes da sociedade brasileira, os telejornais não ficam atrás, na medida em que constroem a notícia, muitas vezes subestimando a capacidade crítica do público. Se fossemos completamente dependentes dos enfoques



apresentados na tv, não haveria qualquer possibilidade de edificarmos uma identidade positiva enquanto afro-descendentes.

No tratamento usual dos fatos, interpretados pela ótica de uma imprensa burguesa, a dimensão das pessoas negras raramente transcende o papel de figurante. Quando se aborda também, o lugar de origem desses mesmos indivíduos, parece que a única possibilidade da África vir a constar na pauta de modo significativo, está condicionada a iminência de uma tragédia como guerra civil, o contágio da AIDS, o alastramento da fome entre outros fatores.

Não se trata aqui de assumirmos uma postura alienante em relação a tais fenômenos. Contudo, há uma pergunta que não quer calar - Não há nada, qualquer experiência africana, que possa sinalizar como um contraponto a este destino fatídico? As respostas, efetivamente, não constarão nos acervos das emissoras que possuem um entendimento muito objetivo no que diz respeito à construção da África no imaginário da sociedade brasileira. A sua desqualificação serve entre outras coisas para reafirmar a estrutura racial da pirâmide que evidencia os lugares e as funções dos extratos sociais brasileiros. Este é, diga-se de passagem, um dos preços que a sociedade paga por não conseguir fazer frente ao monopólio da fala, esse controle exacerbado que as emissoras têm sobre a opinião pública, fazendo-nos supor que elas são absolutamente credenciadas e imparciais no tocante ao conteúdo do texto e da imagem



que veiculam.

O grande desafio é o de criar mecanismos de leitura que possam superar esta ordem. No arquivo de nossa memória visual não teremos dificuldades para acessarmos cenas curiosas como aquelas cujas imagens dizem muito mais que o texto jornalístico.

Arepórter pode noticiar que em uma determinada comunidade carente esta sendo desenvolvido um projeto social piloto a fim de atender algumas necessidades básicas do grupo. Enquanto no estúdio a voz permanece tecendo alguns detalhes do projeto, sem que qualquer comentário seja feito em relação à composição racial das pessoas que constituem tal comunidade, a câmera capta em breves segundos a imagem que nos trás informações importantes como, por exemplo a identificação visual de quem se trata.

A imagem diz que são afro-descendentes, o texto não. Isto ocorre com frequência e, seria inadequado acreditar que signifique lapsos sem maiores conseqüências.

O silêncio também pode operar como uma estratégia eficaz. Por não dar ênfase a aspectos cruciais de certas cenas, elas mesmas ficam na dependência de olhares mais aguçados, capazes de decodificá-las e irem além do limite demarcado pelo texto. São raras as situações em que conseguimos ver uma abordagem diferenciada do que, via de regra, está colocado.





1.2 Programas infantis - jogos, brincadeiras e muita perversão!

Sem a pretensão de nos alongarmos muito neste tópico que se refere a televisão, gostaríamos de lembrar um outro modelo, tão complicado quanto os demais, que são os programas infantis. Assistindo-os constatamos que a psique da criança negra está cotidianamente ameaçada, até porque a suposta candura que perpassa os conteúdos de tais programas deixa muitas vezes subjacente as reais intenções de quem os escreve ou os veicula.

Imaginar que as crianças negras possam sonhar com fada madrinha ou anjo da guarda do mesmo modo como o fazem as crianças brancas, é demonstrar completo analfabetismo diante das imagens ostensivamente apresentadas pela tv.

O legado africano deixado aqui por tantos contadores de estórias não foi levando em conta, no sentido de se diversificar o repertório vigente. Como a identidade se equipara a um corpo que precisa ser alimentado desde que nasce, a disponibilidade de educadores identificados com a questão racial deve representar um fator inquestionável, em se tratando da auto-estima da crianças negras. Ações modestas mas valorosas pode significar muito, a exemplo, de oficinas que resgatem estórias africanas, ou pelo menos aquelas que resistiram ao tempo. Até o momento esta provavelmente seja a forma mais viável de trabalhar no imaginário dessas pequenas pessoas outras possibilidades de edificação de valores, muito



embora sabendo que o enfrentamento com a tv se dará em bases extremamente desiguais.

2. Problema do Cinema

Filme em cartaz

Nas mãos ticket e pipoca

Hora de assistir a película

Mas não se engasgue

Ante a cena que toca

Mostrando o outro

De forma ridícula

Constantemente ouvimos coisas absurdas sobre o cinema brasileiro. Em geral falas depreciativas que comprometem o produto e a sua embalagem. De fato existem muitos equívocos quando tocamos neste assunto e a presente afirmação pode ser contemplada pela maneira explícita com que se mantêm cristalizadas algumas idéias empobrecedoras, reforçadas por frases do tipo "cinema brasileiro só tem sexo" ou ainda "a qualidade do filme nacional é ruim". Mas é preciso entender a lógica de mercado cinematográfico balizada pela subserviência cultural e o papel



da desinformação neste processo.

Todavia, afirmar que o cinema brasileiro não possui sérios problemas de concepção também se constituiria em um equívoco. O cinema aqui produzido, como não poderia deixar de ser, reflete as agruras e os limites que a escassez de informação sobre o outro gera. Mesmo o cinema mundial tem um débito muito grande com os povos africanos e afro-descendentes. Como sabemos, e argumentei em artigos já publicados, o primeiro filme que inaugura a era do cinema falado chamava-se *O cantor de jazz*. O contexto da época, profundamente marcado pela exclusão da população negra dos espaços de maior visibilidade, fora utilizado para se justificar uso da *black face*, um recurso de maquiagem inventado e difundido pelo cinema estadunidense que, via de regra, consistia na apresentação de pessoas brancas que, caracterizavam de modo "engraçado" e exótico, pessoas negras.

Posteriormente, a tv herda este trágico legado do cinema que se esmerou em desumanizar, por meio da imagem, o povo negro. A propósito, Spike Lee recupera com radicalidade o debate concernente ao problema no filme intitulado *Bamboozled*, aqui no Brasil traduzido como *A hora do show* e que, obviamente, foi negligenciado pela crítica, sempre em consonância com o *status quo* vigente.

A construção dos arquétipos negros, embora episodicamente objeto de discussão em alguns fóruns constituídos para pensar a produção



cinematográfica brasileira, parece intangível. Talvez porque o mito da democracia racial ainda seja útil, mesmo para a parcela da intelectualidade local, hegemonicamente branca, que se julga mais conseqüente.

É preciso que recuperemos alguns registros de imagens e estabeleçamos com nosso público um diálogo no sentido de viabilizarmos a reinterpretação necessária dos códigos produzidos no passado e mantidos no presente. Isto quer dizer que, é necessário dissecar o passado e entender porque ele se constitui, até hoje, em um fardo para os afro-descendentes. Mais do que saber que existiu escravidão, é preciso saber das estratégias de sobrevivência, que resguardaram, com todas as dificuldades, um pouco do brio e da dignidade das pessoas subjugadas. O passado escravocrata que afirma inteira submissão africana urge ser desmistificado.

Mas uma vez deve-se enfatizar o que foi dito de várias formas acerca do passado. Ele não pode ser nosso algoz. Não se deve permitir que ele torne turva a compreensão sobre o presente. Ao contrário, sua importância e significado dependem das possibilidades que ele nos apresenta como explicação do presente.

Um exercício de alfabetização visual que pode trazer bons resultados se refere à exibição, em dois momentos diferenciados, do mesmo filme. No primeiro instante deve-se colher opiniões expressas admitindo a existência de pouco conteúdo no âmbito da informação. Após a explicitação de dados que subsidiem as pessoas ajudando-as a redirecionar



o olhar, torna-se a exibir o filme com intuito de se obter uma retroalimentação cuja qualidade seja mais substancial.

Tal procedimento, adotando filmes caracterizados como comédia, por exemplo, merece toda a atenção necessária, no sentido de detectarmos os componentes que afetam diretamente a auto-estima. Enumerar e criticar os principais arquétipos constantes neste tipo de filme, como o *crioulo doido*, a *nega maluca*, o *boçal* e demais figuras patéticas, inspiradas pelo racismo, é importantíssimo na luta pela dignidade do povo negro.

3. Publicidade ou mediocridade?

O anúncio

Que a mídia é válida

Quer conquistar

Todo gosto

Pois acionaremos

Um PROCON da vida

Reivindicando

Nosso rosto

Há uma máxima no âmbito da sabedoria popular que diz que "uma



imagem vale mais que mil palavras", o que sugere que a imagem permite muitas leituras. Ao mesmo tempo que este argumento nos direciona para um caminho tentador, também nos direciona para um outro lado, como por exemplo uma justificativa falsa de que a interpretação das imagens diz respeito tão somente a nossa subjetividade e que, portanto, não vale a pena tentar analisá-las fora dessa esfera. O que implica dizer que, os esforços para tratar as imagens a partir de outras perspectivas nada mais significa do que "devaneios intelectuais".

Respaldadas por este último argumento, as agências de propaganda e publicidade, de um modo geral, têm mantido uma lógica perversa na relação com o público consumidor. Por lidar o tempo todo com imagens, e com o baixo nível de alfabetização visual de nossa sociedade, elas, as agências, conseguem articular um discurso visual ilusório, levando o público a crer que o produto é para todos, muito embora apenas uma parcela usufrua dele no vídeo. Uma minoria identificada não só pelo poder econômico, político e cultural, mas ainda, pela herança racial que a insere em um padrão estético praticamente imutável, transformando os componentes deste grupo em protagonistas vitalícios.

Não raro, é comum ver a sociedade esquivar-se de um comprometimento sobre a discussão das imagens, pois ao inviabilizar qualquer forma de abordagem sobre elas, permitimos que as mesmas produzam, impunemente, sentidos escabrosos.



A publicidade brasileira se constituiu em fenômeno que, por sua estratégia ávida em defender um único segmento como referência e padrão para o conjunto da sociedade, acabou reforçando a crítica militante acerca da "arianização" da mídia. A formação de massa crítica no seio do movimento negro se apoiou em contradições como esta (país que se diz mestiço possui uma mídia branca), a fim de ampliar suas análises insofismáveis e que, por sua vez, tornaram indefensável o posicionamento conformista de não enfrentar os desafios postos pelo mundo visual.

Buscando valorizar o processo de decodificação das imagens, sugerimos a tarefa sistemática de colher anúncios em revistas, fotografar out-doors e outras formas de publicidade no espaço urbano, além de assistir atentamente aos comerciais na televisão. Isto representa um esforço que deve convergir para uma experiência coletiva, resultando na troca de impressões acerca do material coligido e na elaboração de vocabulário que possa, de alguma maneira, fortalecer uma postura crítica frente à violência simbólica sublinhada por uma propaganda absurdamente aética.

Sobre este aspecto, vale dizer, que a conjuntura é propícia para o movimento pressionar os limites que não são necessariamente institucionais, mas, sobretudo, culturais acerca da diversidade racial no Brasil. Não esqueçamos que está em curso uma era em que o embate dos movimentos sociais na defesa dos direitos e garantias individuais e coletivos da sociedade, tanto quanto na luta por representação digna de



segmentos historicamente excluídos, ganham uma visibilidade jamais vista anteriormente, inclusive no espaço da política institucional.

Sabemos que as leis, por si só, não terão força para pressionar aqueles que gerenciam o processo de difusão das imagens. Além do mais, sem que algumas organizações que cumprem papéis estratégicos no contexto, em termos de articulação política, sejam conquistadas no processo de superação do racismo manifesto, poucos avanços imediatos acontecerão. Para alterar a qualidade do comportamento social, no tocante ao modo abusivo como a publicidade exclui ou inclui, com muita precariedade, segmentos discriminados, em particular a população negra, é importante que o descontentamento cresça a ponto de se tornar um incômodo público. Tal desafio nos impele a atuar em dois flancos - o espaço da política institucional e o da cultura.

Conclusão

Esta modesta colaboração apresenta-se mais como forma de estímulo para aquelas pessoas que sintam a necessidade de uma maior dedicação ao estudo da mídia e suas discrepâncias que refletem uma sociedade profundamente racializada. Não é à toa que a mídia também se torna conhecida como quarto poder. Sua eficácia é tão importante na manutenção do *status quo* que, sem desmistificá-la nossas possibilidades ficam restritas.

Esperamos, sinceramente, que o presente texto sirva como



estimulador nas oficinas de comunicação que por ventura venham a ocorrer. O que importa na verdade é o entendimento de que a questão da representação negra na mídia tornou-se agora um dos pilares do combate ao racismo brasileiro, cujas peculiaridades não diminuem em nada o nível de tencionamento social que temos vivido. Hoje ser visto é mais do que ser notado, é estar vivo. A imagem porém, precisa cumprir o seu papel de explicar ao invés de mistificar as referências às quais alude.

**Nelson Odé Inocêncio*

Professor assistente do Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, pertencente ao Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares da mesma universidade.

A pretensão de fazer poesias é do autor, o ônus também.



A Criança Negra na Escola: Contribuição para uma Proposta Político-Pedagógica

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Rachel de Oliveira

** Professoras Doutoras, especialistas em relações raciais*

Neste texto, pretendemos focalizar as relações vividas pela criança negra na instituição escolar. Seu objetivo é subsidiar a elaboração de propostas político pedagógicas que possam transformar o espaço escolar em lugar de superação das discriminações cultivadas pela nossa sociedade, entre elas o racismo. Para cumprir tal tarefa buscamos apoio em alguns estudos que vêm sendo realizados por pesquisadores e militantes do Movimento Social Negro.

O Movimento Social Negro, reconhecendo que dificilmente poderia contar com o total empenho dos órgãos governamentais responsáveis pela elaboração das políticas educacionais, em relação à garantia de introdução de temas que proporcionassem a abertura do debate sobre a condição da população negra no Brasil, se adiantou e há muito já atravessou os portões



das escolas, seja proferindo palestras nos dias 13 de maio ou 20 de novembro¹ seja denunciando situações de racismo vividas por crianças e jovens negros e buscando soluções judiciais seja apresentando, ao Ministério e Secretarias de Educação, propostas de mudanças curriculares cuja a execução acompanham² no sentido de inclusão das histórias e culturas negras, seja propondo cursos de formação de professores ou realizando estudos, em centros de pesquisas e universidades.

Embora independentes, estes trabalhos contêm metas do que relativamente se espera e exige da sociedade para a educação que convém à população de origem africana. Com este trabalho pretendemos despretensiosamente ir puxando fios tecidos de propósitos e de idéias que ligam estas diferentes iniciativas e encaminhar algumas contribuições para repensar a educação brasileira, no sentido de que se torne realmente valiosa para todos os segmentos da população brasileira.

1 – O dia 13 de maio, comemorado como data da libertação dos escravos, foi transformado pelo Movimento Social Negro, em Dia de Debate e Denúncia Contra o Racismo. E o dia 20 de Novembro, morte de Zumbi, em Dia Nacional da Consciência Negra.

2 – Estas experiências foram iniciadas na década de 80 como é o caso, dos Estudos Africanos na rede de Ensino Público da Bahia; do projeto Zumbi dos Palmares, da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro; do Projeto "Salve 13 de Maio?" – coordenado pelo Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiro da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, curso de introdução à História da África para professores de 1º e 2º Graus, realizados em Brasília, cursos sobre a questão negra, destinados a professores da rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo, e outros trabalhos incentivados pelos Conselhos da Comunidade Negra, como ocorreu em Mato Grosso e no Rio Grande do Sul. Atualmente diferentes experiências têm sido realizadas por diversas ONGs e Núcleos de Estudos Africanos ou Afro-Brasileiros localizados nas universidades.



1. O VALOR DA ESCOLA E O SENTIDO DA RESISTÊNCIA PARA O POVO NEGRO

Inicialmente cabe explicitar que toda a vez que nos referimos aos povos africanos e aos seus descendentes na diáspora, sobretudo no Brasil, empregaremos a expressão povo negro. Com ela, não estamos reduzindo a descendência de nagôs, gêges, yorubás, quimbundos, entre outros, que fortemente marcam a população brasileira (mais de 46%, conforme dados do IBGE) a um único povo, muito menos simplificando as expressivas e diversas construções culturais destes povos, ao dado da cor da pele.

Entretanto, considerando o modo como foi sendo construída a história da população negra, não restou possibilidades, por exemplo, para a preservação ou recriação das línguas, ou qualquer outro traço que oferecesse condições para que atualmente pudéssemos identificar as características culturais e físicas que outrora marcaram os diferentes povos que foram trazidos para o Brasil, na época para trabalharem como escravos. Por esta razão, neste texto, utilizaremos o termo negro para nos referirmos a todos os descendentes de africanos oriundos de diversas partes deste continente.

O termo negro foi utilizado pelo colonizador para identificar indistintamente todas as pessoas portadores do tom de pele preta, independentemente da sua origem étnica, tal como ocorreu com os índios.



Nesta perspectiva, os brancos formularam um conceito distorcido e simplista em relação à riqueza da diversidade cultural africana e indígena.

A palavra negro, originalmente, como constava até pouco tempo nos dicionários de língua portuguesa, significava o lado ruim de todas as coisas, portanto representava o mal. Por esta razão ela passou não somente a indicar o tom da pele, mas também a caracterizar o portador da cor de forma pejorativa.

A cor da pele associada ao significado da palavra ajudaram a reforçar o preconceito que se fundamentou em teorias racistas formuladas no século XVIII, entre elas a de Govineau, que preconizava a existência de raças superiores. Conforme interpretação destas teorias, os brancos se situavam em polo oposto ao negro, representavam a superioridade, a inteligência, e conseqüentemente, quem detém o poder. Dentro desta ótica, a sociedade brasileira sempre informada por preconceitos ainda vê mulheres e homens de pele negra desprovidos de possibilidades de se constituírem em seres humanos plenos.

Em oposição ao pensamento dos racistas que utilizaram o termo negro como uma forma de agredir e menosprezar o povo negro, o Movimento Social Negro adotou esta expressão como uma maneira de identificar-se positivamente como pessoa portadora de diferenças culturais. Este grupo assumiu suas características sem buscar subterfúgios para embranquecer-se e, ao contrário, tornou-se mais negro, buscando cada



vez mais suas raízes históricas. A resposta que inverteu o significado dado inicialmente à palavra foi – Sou negro Sim!

Recentemente outros conceitos que foram construídos pelos Movimentos Negros, nacional e internacional, vêm sendo utilizados para designar a população brasileira oriunda da diáspora negra: são os conceitos de afro-brasileiro e/ou afro-descendente. Estes termos fazem referência a um grupo de pessoas que, independentemente da linha de cor, possuem a mesma raiz histórica e cultural e enfrentam problemas similares em qualquer parte do mundo em que estejam situados. Neste sentido, a identidade dos que se auto denominam afro-descendentes, transcende o limite do seu país.

Os institutos de pesquisa, com a intenção de identificar e contar quantos e quem são os negros, têm trabalhado com diferentes categorias. Os negros conforme metodologia do IBGE, incluem as pessoas que se auto-denominam pretas, pardas ou os não brancos. Todas estas metodologias parecem conspirar para o alicerce da construção de diferenças que implicam em divisão de grupos e pessoas que foram por muito tempo tratados como iguais.

O processo de miscigenação que é sustentado pela ideologia do embranquecimento tornou o tom de pele destas pessoas mais clara, entretanto, não proporcionou mudanças no seu modo de vida. Primeiro porque esta mistura se realiza majoritariamente na base da pirâmide, entre



negros e brancos pobres. Segundo, porque os filhos de brancos e negros, ou dos negros com outras etnias, sendo portadores de traços negros, ainda que menos acentuados, também são discriminados e preteridos em relação ao branco.

A sociedade brasileira ainda não está preparada para enxergar e tratar o negro e seus descendentes, seja os de tom de pele mais clara ou mais escura, como cidadãos afro-brasileiros ou afro-descendentes, embora não tenha problemas de aceitar outros povos que comumente utilizam a dupla nacionalidade como é o caso dos nipo-brasileiros e outros grupos étnicos. Negra é toda a população de origem africana de cor preta somada aos chamados pardos, mulatos, escurinhos e outros termos utilizados para tratar a população que não pertence exclusivamente ao grupo que forma a população branca.

Isto posto, passemos a tratar do objeto que é o ponto da nossa reflexão: valor da escola e sentido da resistência para o povo negro.

"Um tempo de escola todos têm que ter", este entendimento expresso por trabalhadores rurais de origem africana, no Rio Grande do Sul (Silva, 1987^a), bem mostra o significado atribuído pela população negra à escola. A "cultura de escritura" é tão valorizada, que há quem julgue importante considerar as opiniões, orientações dos que receberam os ensinamentos da escola (Silva, 1987b).

Entretanto, a experiência de estar na escola pode ser extremamente



constrangedora para crianças e jovens negros, na medida em que suas raízes não são reconhecidas, isto é, são vistos apenas como pessoas de pele negra, e não também como descendentes de um povo que vem construindo uma história de resistência contra a opressão, povo valoroso, de capacidade criativa incomensurável que tornou possível nossa sobrevivência, apesar das reiteradas tentativas de extermínio.

A escola, como o demonstraram Althusser (1983), mais tarde Bordieu e Passeron (1985) reproduz, com muita competência, os papéis que cada classe social deverá desempenhar na sociedade, fortalecendo sentimentos de superioridade e de inferioridade, atitudes de comando e de submissão, relações de opressão. Desta forma, a sociedade, movida pela racionalidade do capital se recompõe, com a ajuda da escola juntamente com a de outras instituições.

O cotidiano escolar inculca na criança negra não só o papel que deverá assumir nas relações de produção, mas também uma imagem negativa de seu grupo étnico, produzida por preconceitos. A discriminação "ocorre ao se impedir que as crianças negras se apropriem do patrimônio cultural da população negra brasileira" (Bernardes, 1992, p. 29). Ocorre também quando a criança é levada a sentir-se feia, pouco inteligente, não querida. Nestas circunstâncias, a escola adota, sem crítica, nem remorso, a "política de inferiorização do negro" que Silva (1989) refere-se em trabalho sobre ideologia do embranquecimento.



Mesmo assim, contraditoriamente, como vemos em Silva (1993), a escola é um valor de refúgio para o povo negro. Valor este que foi criado na opressão da escravidão, do desrespeito, da falta de emprego e de moradia, situação que persiste até nossos dias.

Antes de continuar, cabe explicitar o que se entende por valores de refúgio: "são pilares das culturas submetidas, que não sucumbem à opressão, às tentativas de eliminação". São eles, ensina Ebouisse Boulaga (1978, p. 155) que, confirmados ou refeitos no estado de submissão, constituem as pistas para recriação da identidade cultural.

Ora, insistimos, torna-se difícil de entender a escola como um valor de refúgio, face às reconhecidas situações de alienação em que joga os descendentes de africanos, rejeitando-os ostensivamente, como mostram os dados dos censos, os que não se deixam assimilar. Entretanto, o fato da família negra considerar o espaço escolar importante, como apontam vários estudos, como por exemplo os elaborados por Florestan Fernandes, em 1964, leva a crer que esta instituição é julgada, malgrado as condições que encerra, como um dos lugares privilegiados para afirmação da identidade étnica africana e fortalecimento da cidadania de todos os brasileiros.

Que motivos levariam a esta compreensão que expressam as famílias negras e os diferentes grupos do Movimento Negro?

A escola, na dinâmica de seu funcionamento, ao negar ao negro,



deliberadamente ou não, a possibilidade de se assumir enquanto identidade própria, ela constitui-se sem dúvida, num forte agente de desumanização de negros e não-negros. E, ao cultivar valores de grupos e classe em detrimento dos de outros, joga provocações que levam os desvalorizados a reagir, lutando, a fim de se impor. "E tal luta não é simples gesto de revolta, é necessidade intrínseca a cada pessoa e a seus grupos de se verem reconhecidos como humanos" (Silva, 1988), de fazerem valer seus direitos de cidadãos.

É sabido que resistir teve de fazer parte do modo de ser dos africanos, estejam eles na África ou na diáspora. A invasão da África pelos europeus, escravizando mulheres e homens, colonizando territórios, produziu um corpo de conhecimentos sobre meios de explorar a dependência (Rodney, 1981), transformando, conforme indica Mudimbe (1988, p. 1-2) "áreas não européias em constructos basicamente europeus". Diante disto, desde sua chegada, os africanos viram-se na contingência de organizar movimentos de resistência, buscando garantir a sobrevivência física e moral das nações. Da mesma forma, os escravizados, desde que aportaram nas Américas, passaram a organizar a resistência; e seus descendentes, até hoje, vêm-se na situação de continuar a resistir.

Mas, o que é a resistência africana? Busquemos referências em um pensador africano, Amílcar Cabral (1975). Diz ele que todo gesto de oposição à agressão de ser oprimido, desvalorizado, espezinhado deve



ser entendido como um ato de resistência. Assim, o prisioneiro que esbofeteia o carcereiro, embora em consequência seja morto, de certa forma resistiu; a fuga é uma maneira de resistir; a emigração, no período colonial, não deixou de sê-lo. Há, no entanto, o que ele chama de resistência política, ação de "destruir uma coisa para construir outra". Esta requer consciência dos objetivos perseguidos, coragem de enfrentar todos os obstáculos, bem como de correr riscos". Resistência política implica engajamento numa situação de opressão, para superá-la.

E o que tem sido a resistência dos negros ou afro-brasileiros, isto é, dos cidadãos brasileiros descendentes de africanos? Teixeira (1992, p. 76-7) ao estudar discriminação racial no trabalho e resistência na voz de trabalhadores negros, nos dá uma resposta, ao especificar significados para a reação negra à discriminação. A autora considera "reação negra todas as respostas expressas em atitudes e comportamentos ativos ou passivos, sentidos e vividos diante de uma prática isolada ou de vivência continuada da discriminação racial".

Continua Teixeira: "A reação de negação da prática discriminatória implica o reconhecimento da existência dessa prática, mas o sujeito não se reconhece como alvo." Dentro deste grupo estão incluídas as seguintes reações: - negação da condição étnica; - valorização da proximidade com brancos e afastamento dos negros; - não reconhecimento da discriminação racial consigo próprio. Entende, a autora, como "reação de não



enfrentamento", aquelas em que "o sujeito reconhece para si ou para o outro, a existência da discriminação racial, mas não age diretamente contra a prática discriminatória imediata". Aqui ela destaca as seguintes reações: - "silêncio e ocultamento do impacto da discriminação; - retraimento, que às vezes vem acompanhado de desânimo; - desistência e abandono da perspectiva de futuro".

Finalmente, "as reações de enfrentamento" são entendidas como aquelas em que o agredido "reconhece a discriminação racial e age no sentido de enfrentá-la e superá-la. "Essa reação pode ser: individual, quando o indivíduo, isoladamente, toma posição contra o agente da discriminação...; ou coletiva, quando, ao reagir, ele incorpora a preocupação com outros negros... Tanto as reações de caráter individual como as de caráter coletivo podem ocorrer de maneira perceptível ou não, imediata ou não, com ou sem intencionalidade aparente."

A experiência de resistir, toma as conotações das vivências africanas ou das brasileiras; é vivida pelos negros brasileiros no seu dia-a-dia, inclusive pelas crianças.

Pode-se, pois, concluir que para a criança negra a experiência de resistir ao descrédito e à desvalorização, antecede a sua passagem pela escola. Nesta instituição resistem de diferentes maneira, seja sentando-se agrupadas ao fundo da classe, apresentando comportamentos não aprovados pela professora, mascarando sua origem racial, sendo expulsa



da escola, ou fazendo reivindicações como: "Quando vamos estudar a história do meu povo?" Maneiras de agir, como estas, pondera Engita (1986) ao tratar das teorias de resistência, revelam maior ou menor adesão ao veiculado pela escola, no processo educativo que ali se desenrola. Revelam desejo e decisão de deixar-se assimilar ou não.

Giroux (1986, p. 145-50) chama a atenção para as implicações dos comportamentos de oposição presentes na escola, bem como para o valor da resistência como um princípio educacional. "O valor pedagógico da resistência está, em parte, no fato dela situar as noções de estrutura e ação humana, e os conceitos de cultura e auto-formação, em uma nova problemática para se entender o processo de escolarização".

Tentemos, pois, verificar como a escola vê a criança e os jovens negros e como eles reagem a esta imagem.

2. A IMAGEM QUE A ESCOLA FAZ DA CRIANÇA NEGRA

Diretores, professores, alunos e demais integrantes da comunidade escolar desenham com suas palavras, comportamentos e omissões uma imagem depreciativa do povo negro, o que gera atitudes discriminatórias em relação aos estudantes negros, como por exemplo, baixa expectativa quanto ao seu desempenho escolar.



Ainda são escassos os estudos que abordam tão séria problemática, especialmente num país em que a população é majoritariamente negra. Entretanto os existentes permitem constatar que as denúncias de grupos de Movimento Negro não são improcedentes.

Buscando entender a questão racial, Bicudo (1955) realizou investigação com crianças de escolas públicas primárias, quanto à aceitação da cor da pele dos colegas. E verificou que a rejeição aos alunos negros foi superior à sua aceitação, embora as mais altas taxas, tanto de rejeição como de aceitação, refiram-se aos brancos. A autora, assim analisa este fato: "Considerando que essas porcentagens altas também correspondem às atitudes do branco, concluímos que, de modo geral, os escolares brancos se restringiram a fazer as suas escolhas de preferência e de rejeição dentro do grupo de brancos, demonstrando-se identificados com os elementos do próprio grupo e recalcados em relação aos de cor" (p. 239). Bicudo ainda ressalta que "o fato dos escolares negros terem sido mais rejeitados do que os mulatos, tanto entre os meninos como entre as meninas, dá apoio à hipótese de que a cor mais carregada do negro seria fator de rejeição, enquanto o 'branqueamento gradativo da pele' constituiria um fator atenuante da rejeição" (p. 237).

Em certo sentido a hipótese de Bicudo é confirmada por estudo realizado a respeito da "professora primária frente a alunos e alunas de distinta condição social", Barreto (1980) constatou que freqüentemente



as professoras identificam como maus alunos, os de pele escura. E justificam sua avaliação, dizendo que "a cor não importa, o que importa são as outras qualidades", atribuindo a culpa à família, especificamente aos pais que, "por falta de orientação", levariam o aluno a tornar-se recalcado por ser negro" (p. 37-8).

Exemplificando os reflexos que atitudes e expectativas, como as descritas nos estudos mencionados anteriormente, provocam, citamos análise de Rosemberg (1987, p. 19), relativamente ao aproveitamento de crianças negras, no Estado de São Paulo. Estas, segundo dados do Censo de 1980, apresentavam índices elevados de exclusão e repetência: entre as da 1ª série, apenas 59,4% lograram aprovação ao final do ano; e entre as que estavam na faixa entre 7 e 9 anos de idade, tão somente 50% não estavam em situação de atraso escolar.

Preocupados com a situação educacional da criança negra e com a formação de identidade da mesma, alguns educadores militantes do Movimento Negro têm realizado pesquisas, visando explicar, compreender como se processam as relações raciais no interior das escolas, e assim contribuir para transformá-las.

Com tal objetivo, Gonçalves (1985), verificou que as professoras de escolas de 1º grau, em Minas Gerais, ao organizarem o conteúdo sobre a formação do povo brasileiro, partem da idéia de que, no Brasil, não existem de modo geral, problemas raciais. Ao contrário, existe boa



convivência entre brancos e não brancos" (pág. 126-7). No entanto, apesar de acalentarem o mito da democracia racial, Gonçalves capta a contradição a esta crença, quando 95% destes professores respondem que a escola pode ajudar a diminuir certos preconceitos. Observando o dia-a-dia da escola, o pesquisador identifica o silêncio como um ritual pedagógico a favor da discriminação racial: "o fato da agressão às crianças negras (ao chamá-las de "macaco", "preto", "beijola", "tição", "carvão", ser acompanhada de um silêncio (cúmplice) dos professores, sob a alegação de que um dia, aprenderão que o que importa é o caráter (ou qualquer coisa do gênero). E o autor conclui que a discriminação racial manifesta-se na escola por intermédio dos procedimentos pedagógicos "dos professores" a transmitir estereótipos humilhantes acerca dos grupos étnicos raciais negros. Isto dificulta às crianças a formação de "um ideal de ego negro" e reforça atitude discriminatória entre segmentos sociais.

Não muito diferente da situação descrita por Gonçalves foi a que Oliveira (1992) encontrou ao analisar 253 relatórios de atividades desenvolvidas em escolas públicas do estado de São Paulo, para marcar o Dia de Debate e Denúncia contra o Racismo, conforme orientação da Secretaria de Estado da Educação. As opiniões de diretores, professores e alunos, registradas nestes relatórios, revelam como próprias das crianças negras as qualidades a seguir discriminadas, por ordem decrescente de ocorrência. Eis a imagem que se obteve: A criança negra é diferente da



branca, na escola; não sabe enfrentar a discriminação racial; se auto-discrimina; é pobre; é complexada; é considerada ladra e marginal; tem dificuldade de aprendizagem; não tem identidade cultural; é minoria; é uma criança diferente; é incapaz intelectualmente.

Neste trabalho, nenhum professor classificou as crianças negras como sendo incapazes intelectualmente. As crianças brancas foram apontadas, principalmente pelos diretores, como principais agentes de discriminação; e entre os três grupos (diretores, professores e alunos) que manifestaram suas posições com relação à criança negra na escola, as crianças brancas foram as únicas que assumiram suas atitudes racistas. Mas as crianças brancas também afirmaram que os professores tratam as crianças negras de forma diferente. Uma delas argumentou: "É bem comum vermos um professor elogiando uma criança loira, enquanto que para as negras não fazem nenhum elogio" (Oliveira, 1992, p. 112).

Diante do quadro exposto pelas pesquisas aqui apresentadas, não é de estranhar os resultados obtidos por Barcelos (1992), ao analisar dados da PNAD/1988, que mostra estarem as taxas de analfabetismo da população diminuindo, sem contudo apresentar significativa melhora no que diz respeito à população negra, classificada como grupos de pretos e pardos, situação que ainda se perdura, conforme informações do censo de 2000. É evidente que esta situação se deve à estrutura sócio-econômica do país, mas a escola que possui uma estrutura racista ajuda a perpetuar.



3. REAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA A ESTA IMAGEM

Inserida num contexto de hostilidade racial e de negação à sua imagem em oposição à imagem do branco, para se preservarem como pessoas, sentirem-se iguais, amadas ou ainda permanecerem na escola, muitas crianças negras incorporam o ideal do branqueamento, porém, esta é apenas uma das muitas formas de acomodação utilizadas por elas.

Conforme pesquisa realizada por Oliveira (1992) citada anteriormente, a escola tem dificuldades em perceber características positivas na criança negra.

Entre outras argumentações, os formuladores do discurso da escola insistem na afirmação de que a criança negra sente-se envergonhada de sua cor. É muito provável que a força da discriminação racial e da ideologia do branqueamento tenha sufocado nessas crianças o orgulho de reconhecerem-se negras. No entanto, a análise de relatórios produzidos por crianças negras, acerca das atividades do Dia de Debate e Denúncia Contra o Racismo apontam que nem todas sentem vergonha de sua pele. Assim, mesmo em condições de pressão sistemática, muitas delas conseguem escapar aos condicionamentos da sociedade branca e assumem o que são: negros:

A fala das crianças negras que se assumem como tal, opõe-se à escola, por procurar a igualdade, a unidade e combater o mito das diferenças,



buscando mostrar que são semelhantes às crianças brancas, ao passo que o discurso da escola ressalta a diferença transformando-a em desigualdade para justificar a discriminação.

A mais forte argumentação das crianças negras, assinala que não se sentem diferentes em relação ao branco em qualquer situação. Apesar da violência que estas crianças vivenciam, elas sabem que quem as vê como diferente é o branco, e que sua cor não lhes traria concretamente nenhum transtorno, caso a sociedade brasileira não fosse racista.

Os professores consideram as crianças negras, às vezes apáticas, em outras ocasiões, revoltadas. E, a exemplo de alguns estudiosos da questão racial de visão reducionista, encaram tais reações das crianças como dificuldade de adaptação à sociedade, e assim, interpretam-nas apenas como respostas negativas. O racismo os incapacita de perceber algumas estratégias de sobrevivência racial, desencadeadas quase que sistematicamente por negros dentro da escola, e como afirma Teixeira (1992), também em locais de trabalho.

Dentro da escola, o silêncio aparece como uma estratégia de resistência muito utilizada por crianças negras. Enquanto as crianças brancas afirmam que as negras ficam silenciosas porque "não sabem enfrentar a discriminação racial" as crianças negras dizem ficar caladas por considerarem melhor ignorar os insultos das brancas. Uma delas assim se manifesta: "Elas falam tantas coisas e tantos me ofendem que eu nem



ligo mais" (Oliveira, 1992, p. 107).

A seguir, são contrapostos exemplos de falas que mostram como o aluno negro é visto na escola e como ele próprio se vê. Os exemplos deixam evidente a distância que há entre a percepção e a expressão de resistência frente ao racismo (Oliveira, 1992):

ESCOLA: "Percebe-se por parte das crianças negras, uma espécie de complexo, como se fossem incapazes, feias, mal educadas, etc." (p. 118).

CRIANÇA NEGRA: "Não tenho a mínima vergonha de ser negra. Ao contrário, me orgulho de ser assim. Tenho saúde, sou feliz como qualquer pessoa da minha idade" (p. 118).

ESCOLA: "As crianças negras deixam a escola porque não valorizam o estudo ou porque as crianças brancas caçoam delas e elas se sentem humilhadas" (p. 96).

CRIANÇA NEGRA: "Mas acho que deixar de estudar é ser fraco. A gente tem que continuar porque senão vai ficar burro e aí vão dizer que negro é burro..." (p. 120).

Silva (1994), encontrou em redações de alunos negros as mesmas reações. Para a autora: "Os depoimentos destes sujeitos confirmam a tese de Apple (1990) de que indivíduos de grupos étnicos não brancos podem



construir sua identidade, através de mecanismos de resistência" (198). Um dos alunos participantes do trabalho escreve: "Gosto de mim como eu sou, não gostaria de ser diferente. Sim, eu gosto de mim como eu sou, se eu for feio ou bonito, eu gosto de mim mesmo assim, como eu sou" (196).

Analisando os depoimentos acima referidos, vemos que há alunos negros cuja a auto-imagem positiva, os identifica com seu grupo étnico, percebendo quem são seus iguais, e o que os diferencia dos demais grupos. E como tantos outros negros ao perceberem-se desvalorizados, elaboram sua imagem a partir da rejeição à imposição de um modo de ser, pensar e agir, determinados por um único modelo de pessoa e de beleza, cujo o protótipo é o branco, descendente de europeus.

A imagem positiva é produto da auto aceitação e confronta-se com a imagem de negação projetada pela escola. Assim os conflitos da criança negra que se auto valoriza e se identifica com sua cultura poderá ser mais profundo e explícitos, em comparação às crianças que aparentemente estão adaptadas ao modelo imposto.

A afirmação da identidade da população negra exige de um lado a ruptura com os valores da sociedade vigente, e de outro o (re)encontro com suas raízes étnicas culturais. Se o aluno negro for envolvido no processo de ruptura, sem que lhes ofereça condições para que ele resgate a sua história, poderá rejeitar a imagem imposta, sem conseguir elaborar outra que lhe dê condições de superar as barreiras impostas pelo racismo.



Aqui, estamos considerando que a construção de uma nova imagem, pressupõe o repensar sobre si e os outros, no conjunto da sociedade, e o assumir juntamente com seu grupo étnico, a sua real situação.

A escola ao (re)produzir preconceitos raciais vigentes na sociedade, através de seu currículo, isto é: livros didáticos, conteúdos programáticos, metodologias de ensino e postura de professores, pode incitar os desfavorecidos a reverterem a imagem refletida por ela. No entanto, subsídios que propiciem a desconstrução do racismo dentro da escola, precisam ser conhecidos, elaborados e sistematizados. Estamos querendo dizer que estratégias esparsas, concebidas por alguns professores isoladamente, como por alguns professores negros, conforme mostra Silva (1993), encontram-se nas escolas.

Na perspectiva que vimos apresentando, cabe trazer considerações de Giroux (1986) ao afirmar que "o conhecimento escolar deve ser analisado para determinar em que medida sua forma e conteúdo representam uma apresentação desigual do capital cultural das minorias de classe e cor" (p. 257). Isto é, como os conhecimentos de sala de aula encarnam experiências culturais, linguagem e sistemas de significados que invalidam outras formas de cultura.

O desejo e a reivindicação dos pais negros, de acordo com Oliveira (1992, p. 108) é de que possam, eles e seus filhos, viverem tranquilos e com dignidade, em qualquer espaço social. "Nós, negros, queremos apenas



um lugar tranqüilo para vivermos, construirmos os nossos lares e sermos respeitados, um lugar onde nossos filhos possam estudar, brincar e trabalhar sem serem motivo de chacota dos colegas." Sem dúvida, a única via possível para se tomar posse deste lugar é a educação para a cidadania, processo pelo qual os alunos negros e brancos devem apropriar-se de suas histórias, bem como grupos e classes sociais a que pertencem, aprenderem a produzir novos conhecimentos e criticarem conhecimentos que atuam a favor de antigos preceitos contrários à liberdade e à democracia.

4. DECONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL CONTRA O NEGRO NA ESCOLA

A proposta é de que a escola, em todos os seus níveis de ensino, se alie aos grupos de Movimento Negro, para compreender suas lutas e nelas engajar-se. O apresentado anteriormente neste texto, justifica sobejamente o proposto. E estamos certos de que as ações empreendidas não estarão abrangendo unicamente a população negra, as relações com outros grupos discriminados também estarão sendo questionadas, sejam eles constituídos por índios, judeus, nordestinos residentes na região nordeste, portadores de deficiências, homossexuais, velhos, crianças abandona-



das e mulheres.

No caso específico do povo negro, começemos por resignificar o termo negro. Suarez (1992), pondera da dificuldade em fazê-lo, já que o mesmo termo de um lado designa um atributo dado pela natureza – cor da pele – e de outro, explicita a construção social, que indica como ser humano portador de pele negra é visto, antes dele fazer ou dizer que seja lá o que for. O Movimento Negro Internacional e Nacional, há muito faz este exercício. Vejam-se, apenas para citar alguns: o movimento da Negritude, liderado por Senghor e Césaire, em Paris, na primeira metade deste século; o movimento dos direitos civis, nos Estados Unidos, nos anos 60; no Brasil, os incontáveis quilombos que se formaram do século XVI ao XVIII, a Frente Negra, nos anos 30, o Movimento Negro Unificado, entre os grupos atuais.

Desnecessário se faz dizer que esta (re)significação envolve necessariamente toda população brasileira, pois como bem o mostra Oliveira (1988) a imagem que a sociedade racista atribui ao negro tem sérias implicações para a educação de mulheres e homens, negros e brancos. Em outras palavras, esta não é uma questão que diz respeito unicamente à população negra, e se não for superada, não conseguiremos atingir plenamente os direitos humanos e construir solidariamente a nação brasileira.

Além do necessário envolvimento de todos, não bastam apenas bons



propósitos. É fundamental que sobretudo as escolas se empenhem em demover as "distorções cognitivas", alimentadas por preconceitos e falta de informações, que garantem a manutenção do racismo, conforme mostra Sylvia Winter, ao analisar livro didático utilizado por escolas da Califórnia, nos Estados Unidos.

No Brasil, desde 1950, Moreira Leite, e mais recentemente Pinto, 1981, Triunfo, 1987, Silva (Ana Célia), 1987, entre outros estudiosos, analisando livros didáticos, apontam imagens, palavras, textos altamente comprometedores contra a criança negra, além de informações simplificadas a respeito da história e da cultura do povo negro. Há, pois, que reescrever tais livros.

Fontouro (1987) analisou propostas curriculares de escolas do Ensino Fundamental, confirmou a exclusão da cultura afro-brasileira, dos currículos escolares, e entrevistou professores, procurando avaliar o seu grau de conhecimento relativamente à contribuição dos africanos e de seus descendentes, na construção da nação brasileira.

O estudo concluiu que preconceitos e gestos discriminatórios são gerados por preconceitos e pela mais profunda ignorância a respeito da história e da cultura negras, e incentiva para que se redimensione os currículos de formação de professores.

Os privilégios, reais ou simbólicos, dos brancos são mantidos à custa da desinformação da sociedade e da sustentação dos estereótipos. King



(1991) aponta como fator de sustentação dos privilégios, a ênfase dos currículos e da pedagogia na dita "nossa herança ocidental comum" e que este tipo de currículo "deixa pouco espaço para a discussão sobre como a educação pode ser um fator limitante para o ensino efetivo destinado a estudantes pobres minoritários". Na realidade, diz King, "essa educação dada aos professores impede qualquer julgamento crítico ético sobre desigualdades sociais e produz professores que são desconscientes acríticos e despreparados para questionar as normas brancas, a superioridade e o privilégio branco" (King, 1991, p. 143).

Para superar esta situação, é importante incluir nos currículos Estudos Afro-brasileiros, isto é, estudos que ofereçam compreensão histórica e sociológica do caráter da sociedade brasileira, a partir da participação dos africanos e de seus descendentes na construção da nação. Para tanto se faz necessária a busca de abordagens que rompam unicamente com a tradição eurocêntrica, propondo-se um conhecimento dos afro-brasileiros, a partir das sociedades de origem africana, percorrendo depois sua inserção e produção na sociedade brasileira (Núcleo de Estudos Afrobrasileiros – UFScar, Curso sobre africanidades Brasileiras, São Carlos, 1993 – mimeo).

É importante, também, como apontaram mulheres negras (1994) visando uma educação democrática e não racista para o povo brasileiro:

- "elaboração de currículos inter-étnicos, que possibilitem a discussão das relações entre gêneros e etnias, classes sociais, que dêem visibilidade



à diversidade histórica e cultural de cada região brasileira, contemplem a história da África, dos descendentes de africanos na diáspora, dos afro-brasileiros”;

- “garantia de assessoria para elaboração, implantação, execução e avaliação de políticas educacionais por estudiosos das relações entre gêneros e etnias, indicados pelo Movimento Negro”;

Desencadeado o processo de desconstrução do preconceito racial contra o negro na escola, estarão alunos, professores e comunidade reeducando-se, assumindo os destinos dos grupos sociais a que pertencem, e cooperativamente com outros grupos participando, enquanto cidadãos conscientes, da construção da nação brasileira livre e autônoma.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS, Luiz Carlos. **Trajetória Escolar e Desigualdades Raciais em Educação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- BICUDO, V. L. **Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas**. In: Bastide, R. **Relações Raciais entre brancos e negros em São Paulo**. São Paulo, UNESCO – Anhembi, 1955.
- BERNARDES, Nara M. G. **Vida cotidiana e subjetividade de meninos e meninas das camadas populares: meandros da opressão, exclusão e resistência**. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília 12(3 e 4): 2433, 1992.
- CABRAL, Amilcar. **Tipos de resistência**. Lisboa, 1975.
- EBOUISSE, BOULAGA, Fabien. **Peut-on attribuer la même valeur á tantas les cultures?** In: AZAMBO-MENDA, S. A, Kosso, M. Enobo. **Les philosophes africains par les textes**. Paris, Nathan, p. 115-6, 1978
- ENGITA, M. **Teorias da Resistência**. **Educação e Realidade**, 1986.
- FONTOURA, Maria C. L. **A exclusão da cultura afro-brasileira dos currículos escolares; uma questão de desconhecimento histórico?** Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese de Mestrado).



- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **O Silêncio, um ritual pedagógico em favor da discriminação racial**. Dissertação de Mestrado – Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.
- GIROUX, H. A. **Teoria, Crítica e Resistência em Educação**. Tradução de Angela Maria B. Biaggio, Vozes, Petrópolis, 1986.
- INDICAÇÃO de políticas relativas à educação de interesse das mulheres brasileiras, descendentes de africanos. Porto Alegre. (Documento redigido durante o IV Seminário Nacional preparatório à Conferência de Pequim sobre a Mulher - Igualdade, Desenvolvimento e Paz), 1994.
- LEITE, Dante Moreira. **Preconceito Racial e Patriotismo em seis livros didáticos brasileiros** – Psicologia – São Paulo, 1950.
- OLIVEIRA, Rachel. **Relações Raciais: Uma experiência de Intervenção**. Dissertação de Mestrado – Supervisão e currículo – PUC – SP., 1992.
- _____. **A identidade do negro brasileiro; implicações para a educação de mulheres e homens negros e brancos**. São Paulo. Apresentado no Seminário – “O Negro Brasileiro – Educação e Cultura”, na PUC-RS, junho (1988).
- PINTO, Regina Pahim. **O Livro didático e a democratização da escola**. São Paulo – Dissertação de Mestrado – FFLCH(USP), 1981.
- RODNEY, W. **How Europe Underdeveloped África**. Washington, D. C.,



- Howard University, 1981.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo – Teses; 14, 1985.
- _____. **Relações Raciais e Rendimento Escolar – Cadernos de Pesquisa** – São Paulo (63), Novembro – 1987.
- SILVA, Ana Célia. **Estereótipos e Preconceitos em Relação ao Negro no Livro de Comunicação e Expressão de Primeiro Grau – Nível I – Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, (63), novembro, 1987.
- _____. **Ideologia do Branqueamento**. In: Luz, M. A. **Identidade Negra e Educação**. Salvador, Ianamá, 1989, p. 53-63.
- SILVA, Consuelo Dores. **A Construção da Identidade no Processo Educativo** – Um estudo da auto-representação dos alunos negros no universo da escola pública. Dissertação de Mestrado – UFMG – Belo Horizonte, 1993.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Educação e Identidade dos Negros Trabalhadores Rurais do Limoeiro**. Porto Alegre. UFRGS (Tese de Mestrado), 1987a.
- _____. **História de Operários Negros**. EST, Nova Dimensão, 1987b.

_____. **Movimento Negro e Políticas Educacionais.**
Jornal da SSERS, junho, 1988, p. 10.

_____. **Entre passos e compassos – contribuições do
Movimento Negro para pensar e estudar a educação brasileira.**
São Carlos. (Apresentado no III Congresso Estadual Paulista sobre
Formação de Professores, maio de 1994), 1993.

SUÁREZ, M. **Deconstrução dos conceitos mulher e negro.** Brasília,
UNB. (Apresentados na ANPOCS), 1992.

TRIUMPHO, Vera Regina Santo. **A Representação do Negro em Livros
Didáticos de Leitura.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo (63).

TEIXEIRA, Maria Aparecida Silva Bento. **Resgatando a minha bisavó
– discriminação racial no trabalho e resistência na voz de
trabalhadores negros –** Dissertação de Mestrado – PUC(SP), 1992.

